

# A SÍNTESE DO IOGA

*Sri Aurobindo*

## **07 – Os Instrumentos do Espírito - 11.04.21**

(Parte IV – Capítulo V)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

Se deve haver uma perfeição ativa de nosso ser,  
a primeira necessidade é  
uma purificação do modo de funcionar dos instrumentos,  
que agora utilizamos para fazer uma música dissonante.

O próprio ser, o espírito, a Realidade divina no ser humano  
não tem necessidade de purificação;  
ele é para sempre puro,  
não afetado pelos defeitos de seus instrumentos  
ou pelos tropeções da mente, do coração e do corpo em seu trabalho  
– assim como o sol, diz o Upanishad,  
não é tocado ou manchado pelos defeitos do olho que vê.

A mente, o coração, a alma vital de desejo, a vida no corpo  
são as sedes da impureza;  
são eles que devem ser retificados  
se a ação do espírito deve tornar-se uma ação perfeita,  
não maculada, como agora, por concessões maiores ou menores  
aos prazeres tortuosos da natureza inferior.

2

A mente, o coração, a vida, o corpo,  
 devem cumprir as obras do Divino  
 – todos os trabalhos que fazem agora e ainda mais –  
 mas cumpri-las divinamente, o que agora não fazem.

Esse é o problema que aparece primeiro  
 àquele que busca a perfeição  
 e que ele deve afrontar,  
 pois seu objetivo não é uma pureza negativa e proibitiva,  
 passiva ou quietista,  
 mas uma pureza positiva, afirmativa, ativa.

O quietismo divino descobre a eternidade imaculada do Espírito;  
 o dinamismo divino acrescenta a ação exata,  
 pura e sem desvio,  
 da alma, da mente e do corpo.

3

O caráter do siddha não será feito de certos hábitos predominantes;  
 ele será, na essência, um ser espiritual com uma vontade espiritual  
 e terá, no máximo, certo temperamento particular,  
 livre e flexível para a ação.

Sua vida será um fluxo direto das fontes eternas  
 e não alguma forma talhada  
 conforme um feitio humano temporário.

Sua perfeição não será uma pureza sátvica,  
 mas algo mais elevado que as gunas da Natureza,  
 uma perfeição de conhecimento espiritual,  
 poder espiritual, deleite espiritual,  
 unidade e harmonia na unidade;

a perfeição externa de suas obras  
 tomarão livremente a forma  
 que será a autoexpressão dessa transcendência  
 e universalidade interiores.

4

Para essa mudança,  
o siddha da perfeição integral  
deve tornar consciente em si mesmo  
o poder do espírito  
ou poder da supramente,  
que é agora supraconsciente para nossa mentalidade.

Mas esse poder não pode operar nele  
enquanto o seu ser mental, vital e físico atual  
não for liberado de seu modo de funcionar inferior.

Essa purificação é a primeira necessidade.

5

[...] a purificação não deve ser entendida  
no sentido limitado de uma seleção, na ação,  
de certos movimentos exteriores, sua regulação, e a restrição de outros,  
nem como uma liberação de certos traços de caráter  
ou de capacidades mentais e morais particulares.

Essas coisas são sinais secundários de nosso ser derivado  
e não poderes essenciais e forças primeiras.  
Devemos ter uma visão psicológica mais vasta  
das forças primordiais de nossa natureza.

Devemos distinguir as partes formadas de nosso ser,  
encontrar o defeito de base de sua impureza  
ou de sua ação falsa e corrigi-lo,  
seguros de que o resto se retificará naturalmente.

Não são os sintomas de impureza que devemos medicar  
– ou apenas de maneira secundária, como uma ajuda menor –  
mas golpear a impureza em suas raízes, após uma diagnose mais profunda.

6

Descobriremos então que existem duas formas de impureza,  
que são a raiz de toda confusão.

Uma, é um defeito devido à natureza de nossa evolução passada,  
que foi uma natureza de ignorância separativa;

esse defeito é o resultado da forma radicalmente falsa e ignorante  
que foi dada à ação particular de cada parte de nosso ser instrumental.

A outra impureza é devida ao processo sucessivo de uma evolução  
em que a vida emerge no corpo e depende do corpo,  
em que a mente emerge na vida corporal e depende dela,  
em que a supramente emerge na mente  
e se acomoda à mente em vez de governá-la,  
em que a própria alma aparece apenas como  
uma circunstância da vida corporal do ser mental  
que vela o espírito nas imperfeições inferiores.

7

Assim, a função própria da vida, a força vital,  
é a fruição e a posse,  
ambas perfeitamente legítimas,  
porque o Espírito criou o mundo para a Ananda,  
para a fruição e a posse do múltiplo pelo Um,  
do Um pelo múltiplo  
e do múltiplo também pelo múltiplo,

porém

– e esse é um exemplo do primeiro tipo de defeito –  
a ignorância separativa  
lhes dá a forma falsa do desejo e da cobiça,  
que corrompe toda fruição e toda posse  
e lhes impõe seus opostos:  
a carência e o sofrimento.

8

Ademais, porque a mente está emaranhada na vida,  
a partir da qual ela evolui,  
esse desejo e essa cobiça se intrometem  
na ação da vontade e do conhecimento mentais;

isso torna a vontade uma vontade de cobiça,  
uma força de desejo,  
em lugar de uma vontade racional  
e de uma força discriminadora  
de execução inteligente;

ela deforma o julgamento e a razão,  
de tal modo que julgamos e raciocinamos  
conforme os nossos desejos e os nossos preconceitos  
e não com a imparcialidade desinteressada  
de um julgamento claro e a retidão de uma razão  
que busca somente distinguir a verdade  
e compreender de modo correto  
o objeto de suas operações.

9

A mente, a vida e o corpo  
são os três poderes de nossa natureza inferior.

Mas não podem ser tomados completamente em separado  
porque a vida atua como um elo,  
e dá suas características ao corpo e,  
em grande medida, à nossa mentalidade.

Nosso corpo é um corpo vivo  
e a força de vida mistura-se nele  
e determina todos os seus modos de funcionar.

Nossa mente também,  
em grande parte,  
é uma mente de vida,  
uma mente de sensações físicas;  
é apenas em suas funções superiores que ela é, em geral,  
capaz de algo mais do que as operações  
de uma mentalidade física sujeita à vida.

10

Podemos colocar isso nessa ordem ascendente:  
 primeiro, temos um corpo sustentado pela força de vida física,  
 o prana físico, que circula em todo o sistema nervoso  
 e dá sua marca à nossa ação corporal,  
 de modo que tudo é a ação característica de um corpo vivo  
 e não de um corpo mecânico inerte.

O prana e a fisicalidade, juntos,  
 constituem o corpo grosseiro, *sthula sarira*.

Esse é apenas o instrumento externo,  
 a força nervosa da vida que age na forma do corpo  
 mediante seus órgãos físicos grosseiros.

Depois, há o instrumento interior,  
*antahkarana*,  
 a mentalidade consciente segundo o sistema antigo.

11

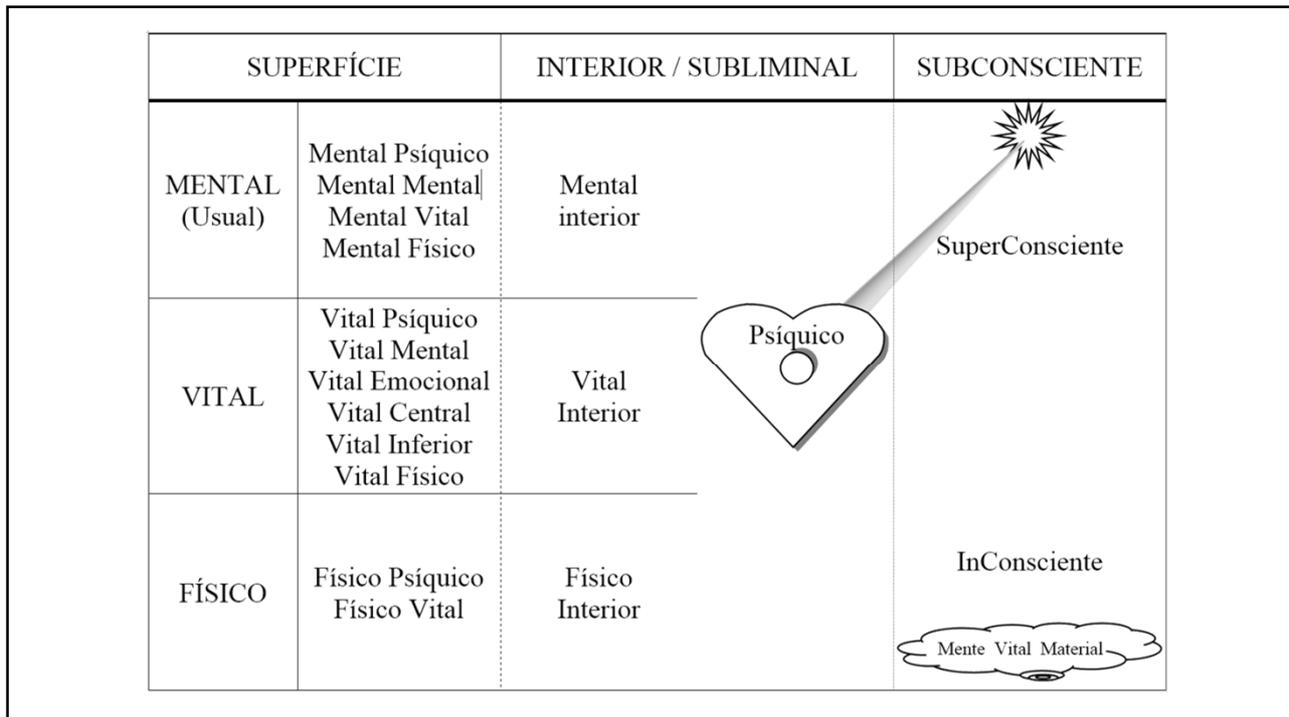
Esse instrumento interior é dividido em quatro poderes:  
*citta*, ou consciência mental de base;  
*manas*, a mente sensorial;  
*buddhi*, a inteligência;  
*ahankara*, a ideia de ego.

A classificação pode servir como ponto de partida,  
 embora para fins mais práticos  
 certas distinções suplementares sejam necessárias.

Essa mentalidade está impregnada pela força de vida,  
 que aqui se torna um instrumento  
 da consciência psíquica da vida e da ação psíquica na vida.

Cada fibra da mente sensorial e da consciência de base  
 é atravessada pela ação desse prana físico:  
 é uma mentalidade nervosa ou vital e física.

12



Mesmo o buddhi e o ego  
são dominados pelo prana psíquico,  
embora tenham a capacidade  
de elevar a mente para além da sujeição  
a essa psicologia vital, nervosa e física.

Essa combinação cria em nós a alma de desejo sensorial,  
que é o obstáculo principal para uma perfeição humana superior  
assim como para uma perfeição divina ainda maior.

Por fim,  
acima de nossa mentalidade consciente atual,  
encontra-se uma supramente secreta,  
que é o meio verdadeiro para alcançar  
a perfeição divina e sua sede natural.

Citta, a consciência de base, é em grande parte subconsciente;  
sua ação, visível ou não visível, é de dois tipos:  
uma, passiva e receptora, a outra, ativa ou reativa e formadora.

Enquanto poder passivo, citta recebe todos os impactos,  
mesmo aqueles que a mente não percebe  
ou aqueles a que não dá atenção,  
e os armazena em uma reserva imensa da memória passiva subconsciente,  
onde a mente enquanto memória ativa pode abastecer-se.

Mas, em geral,  
a mente só tira dessa reserva o que observou e compreendeu no momento  
– de maneira mais fácil o que observou bem ou compreendeu cuidadosamente,  
de maneira menos fácil o que observou com negligência ou compreendeu mal;

contudo,  
a consciência tem o poder de fazer subir até a mente ativa e para seu uso,  
o que a mente não havia observado de modo algum,  
nem prestado atenção ou mesmo experienciado de maneira consciente.

15

Quando é golpeada do exterior pelos impactos do mundo  
ou impelida pelos poderes reflexivos do ser interior subjetivo,  
ela lança à superfície certas atividades habituais  
cujo molde foi determinado por nossa evolução.

Uma dessas formas de atividade é a mente emocional  
– que podemos chamar o coração, por comodidade.

Nossas emoções são as ondas de reação e de resposta,  
chitta-vritti, que se elevam da consciência de base.

Sua ação é também em grande parte regulada  
pelo hábito e por uma memória emotiva.

16

Elas não são obrigatórias,  
 não são leis do fatalismo;  
 não há lei obrigatória, na verdade,  
 a que nosso ser emocional deva,  
 em absoluto, submeter-se;

não somos obrigados a responder  
 com dor a certos impactos na mente,  
 responder a outros com cólera,  
 ou a outros com raiva ou antipatia,  
 nem a outros ainda com simpatia e amor.

Todas essas coisas são apenas hábitos de nossa mentalidade afetiva,  
 eles podem ser mudados pela vontade consciente do espírito;

eles podem ser impedidos;  
 podemos mesmo nos elevar por completo acima de toda sujeição  
 ao pesar, à cólera, à raiva, à dualidade de simpatia e antipatia.

17

[...] E contudo,  
 a alma emocional verdadeira,  
 o psíquico real em nós,  
 não é uma alma de desejo  
 mas uma alma de amor puro e de deleite;

mas isso,  
 como todo o resto de nosso ser verdadeiro,  
 só poderá emergir  
 quando a deformação  
 criada pela vida de desejo  
 for removida da superfície  
 e deixar de ser  
 ação característica de nosso ser.

Alcançar isso  
 é uma parte necessária  
 de nossa purificação, libertação, perfeição.

18

O amor é uma emoção do coração  
e pode ser um sentimento puro  
– mas o amor do coração alia-se de bom grado  
a um desejo vital no corpo.

Esse elemento físico pode ser purificado  
dessa sujeição ao desejo físico,  
chamado luxúria,  
ele pode se tornar o amor e usar o corpo  
para uma proximidade não apenas física  
mas mental e espiritual;

mas o amor pode, também, separar-se de tudo,  
mesmo do elemento físico mais inocente,  
ou guardar apenas uma sombra disso,  
e ser um movimento puro de união de alma com alma,  
de psíquico com psíquico.

19

Manas, a mente sensorial,  
é a atividade que emerge da consciência de base  
e constitui toda a essencialidade  
do que chamamos de sensação.

A visão, a audição, o paladar, o olfato, o tato  
são, na realidade,  
propriedades da mente e não do corpo;  
mas a mente física que usamos em geral,  
limita-se a traduzir em sensações  
os impactos exteriores que recebe  
através do sistema nervoso e dos órgãos físicos.

Mas o manas interior  
tem também uma visão e uma audição sutis  
e um poder de contato próprio,  
que não dependem dos órgãos físicos.

20

Ademais,  
ele tem um poder  
não apenas de comunicação direta da mente com o objeto  
– que pode mesmo, em um alto nível de ação,  
nos fazer perceber o conteúdo de um objeto  
que se encontre dentro  
ou além  
do alcance físico de ação –  
mas também  
um poder de comunicação direta  
de mente com mente.

A mente é também capaz  
de alterar, modificar, impedir  
a incidência, os valores, as intensidades  
do impacto dos sentidos.

21

Em geral,  
não usamos ou desenvolvemos  
esses poderes da mente;  
  
eles permanecem subliminares  
e emergem algumas vezes  
em uma ação irregular e caprichosa,  
com mais facilidade em certas mentes do que em outras,  
ou vêm à superfície em certos estados de ser anormais.  
  
Eles são a base da clarividência,  
da audição sutil, da transmissão de pensamento e de impulso,  
da telepatia e da maioria dos poderes ocultos do tipo mais comum  
– chamados ocultos,  
embora esses fenômenos sejam melhor descritos,  
de maneira menos mística,  
como poderes da ação de Manas,  
subliminares pelo momento.

22

*Buddhi* é uma construção do ser consciente,  
e ultrapassa de modo considerável seus inícios no chitta de base:  
é a inteligência,  
com seu poder de conhecimento e de vontade.

*Buddhi* abarca e conduz  
todo o resto da ação da mente, da vida e do corpo.

Por natureza, esse é o poder do pensamento e da vontade do Espírito,  
traduzidos na forma inferior de uma atividade mental.

Podemos distinguir três graus sucessivos da ação dessa inteligência:

23

Primeiro, uma compreensão-percepção inferior  
que apenas recebe, registra, compreende e responde  
às comunicações da mente sensorial, da memória,  
do coração e da mentalidade de sensações.

[...] Para além dessa compreensão elementar,  
que nós todos usamos em enorme medida,  
há um poder da razão organizadora ou seletiva  
e uma força de vontade inteligente

que têm como ação e objetivo  
tentar elaborar uma organização plausível,  
suficiente, estável,  
do conhecimento e da vontade  
para o uso de uma concepção intelectual da vida.

24

Apesar de seu caráter mais puramente intelectual,  
essa razão secundária ou intermediária é, em realidade,  
pragmática em sua intenção.

Ela cria certo tipo de estrutura intelectual, um quadro, uma regra,  
em que tenta moldar a vida interior e exterior,  
a fim de servir-se dela com certa mestria e autoridade  
para os propósitos de algum tipo de vontade racional.

É essa razão que dá ao nosso ser intelectual normal  
nossas normas fixas estéticas e éticas,  
a estrutura de nossas opiniões,  
as normas estabelecidas  
de nossas ideias e de nossos propósitos.

Ela é desenvolvida em alto grau  
e tem a primazia em todo ser humano  
cuja compreensão é desenvolvida,  
mesmo se pouco.

25

Porém,  
mais além, há uma razão superior,  
uma ação superior da buddhi  
que parte de maneira desinteressada  
em busca da verdade pura  
e do conhecimento verdadeiro;

ela busca descobrir a Verdade real detrás da vida e das coisas  
e detrás de nosso self aparente  
e submeter sua vontade à lei da Verdade.

Uns poucos, se existem,  
podem usar essa razão superior com certa pureza;

mas o esforço para fazê-lo  
é a capacidade mais alta do instrumento interior,  
o *antahkarana*.

26

Na verdade, *buddhi* é um intermediário  
entre uma Mente-verdade muito mais elevada  
– que agora não está em nossa posse ativa  
e é o instrumento direto do Espírito –  
e a vida física da mente humana que evolui em um corpo.

Nossos poderes de inteligência e vontade  
provêm dessa Mente-verdade direta e mais vasta,  
ou supramente.

A *buddhi* centraliza sua ação mental em torno da ideia de ego:  
a ideia de que somos essa mente, vida e corpo,  
ou de que somos um ser mental determinado pela ação deles.

Ela está a serviço dessa ideia de ego,  
quer limitada pelo que chamamos egoísmo,  
quer ampliada pela simpatia com a vida em torno a nós.

27

Assim se cria um sentido de ego,  
que repousa na ação separadora do corpo,  
da vida individualizada, das respostas da mente;

Mas quando a razão e a vontade superiores se desenvolvem,  
podemos nos voltar em direção àquilo  
de que as coisas externas são o sinal,  
em direção à consciência espiritual mais alta.

O “Eu” então será visto  
como um reflexo do Self,  
do Espírito,  
do Divino,  
da existência única transcendente,  
universal e individual  
em sua multiplicidade;

28

Quando a transição para a supramente acontece,  
os poderes da *buddhi* não perecem,  
mas todos devem ser convertidos em seus valores supramentais.

Mas a ponderação sobre a supramente e a conversão da buddhi  
pertencem ao domínio da siddhi superior ou perfeição divina.

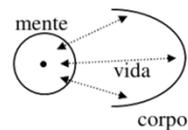
No presente,  
devemos avaliar a purificação do ser humano habitual,  
que prepara para essa conversão  
e conduz à liberação da escravidão de nossa natureza inferior.

(Capítulo VI: Purificação – A Mentalidade Inferior)

29

### **5.1- Os Três Poderes da Natureza mais Baixa**

- **Mente - Vida - Corpo:**  
a vida age como um elo, e dá seu caráter ao corpo e à nossa mentalidade.



- **Primeira necessidade:** purificação do atuar dos instrumentos do Espírito dos prazeres desviados da natureza inferior.

Não é medicar sintomas, mas atingir suas raízes.

- **Duas formas de impurezas, imperfeições fundamentais de nossa natureza:**

- forma errada de ação;

	<b>ação correta</b>	<b>ação impura</b>
<b>vida</b>	desfrute e posse	desejo e súplica
<b>mente</b>	vontade discernidora	vontade de desejo

- mistura ilegítima de ação:

a vida emerge e depende do corpo,  
a mente emerge e depende da vida no corpo,  
a supramente emerge empresta a si própria à mente.

A ação impura do instrumento inferior entra na ação característica da função superior

30

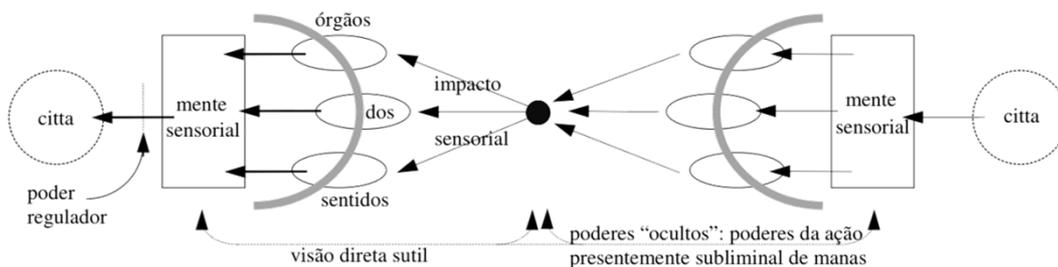
## 5.2- A Ação dos Instrumentos

• Corpo Grosseiro		órgãos físicos e força nervosa de vida (prana físico)	
• Mentalidade Consciente (antahkarana)	citta	consciência mental básica	permeada pelo prana psíquico criando a alma-de-desejo sensorial
	manas	mente sensorial	
	buddhi	inteligência	potencializados pela força-vida
	ahankara	a ego-idéia	
• Supramente		meio apropriado e assento nativo da perfeição	

- Toda ação da mente ou dos instrumentos interiores surge dessa citta:
  - dois tipos de ação — Passivo ou receptivo (memória) - hábitos vitais e físicos;  
Ativo ou reativo e formativo.
  - Mente Emocional: ondas de reação e resposta - hábitos e memória emotiva, a verdadeira alma emotiva - a psique real - é de puro amor e deleite.
  - Mentalidade Sensorial: sensação nervosa (medo, raiva, desejo), físico-sensorial, a ação apropriada da mente sensorial: impulso de uso dos sentidos físicos para ação, (podem ser mudados pela vontade consciente do espírito).

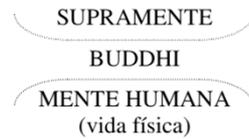
31

visão, audição, paladar, olfato, tato, são na realidade propriedades da mente, e não do corpo.



32

- Buddhi é o instrumento intermediário entre uma mente-Verdade (supramente) muito mais alta, que é o instrumento direto do Espírito, e a vida física da mente humana evoluída no corpo:



- seus poderes de inteligência e vontade são resultantes dessa direta mente-Verdade;
- centra sua ação mental em torno da ego-idéia (eu sou a mente, vida e corpo);
- a ego-idéia na buddhi centraliza a inteira ação desse pensamento, caráter e personalidade do ego;
- quando a razão e vontade mais altas se desenvolvem, nós podemos nos voltar para aquilo que essas coisas exteriores significam para a consciência espiritual mais alta:

33

- Buddhi: Inteligência com seu poder-de-vontade e conhecimento
  - toma e lida com o restante da ação da mente, vida e corpo;
  - é, em sua natureza, Poder-de-Pensamento e Poder-de-Vontade do Espírito
- Três gradações da Buddhi:

- 
- 1- Compreensão Perceptiva Inferior (mente pensante elementar): toma, grava, compreende e responde às comunicações da mente de sentidos, memória, coração e mentalidade sensorial;

---

  - 2- Poder de Razão e Força de Vontade da Inteligência: tentativa de chegar a uma plausível e suficiente ordem estabelecida de conhecimento e vontade para o uso de uma concepção intelectual da vida. É uma razão pragmática em sua intenção: cria os padrões éticos e estéticos estabelecidos, estruturas de opinião e normas estabelecidas de idéia e propósito;

---

  - 3- Razão, Ação mais Alta da Buddhi: busca de verdade pura e conhecimento correto, busca descobrir a real verdade atrás da vida e coisas e nosso aparente si, e submeter sua vontade à lei da Verdade.

---

34

O “Eu” pode ser visto como um reflexo mental do Si, o Espírito, o Divino, a existência transcendente una, universal, individual, em sua multiplicidade.

Aí então ocorre a transição para a supramente (siddhi mais alto, ou perfeição divina).

mas

- Inicialmente é necessário uma purificação preparatória -

35



Há outras formas de dhyana.

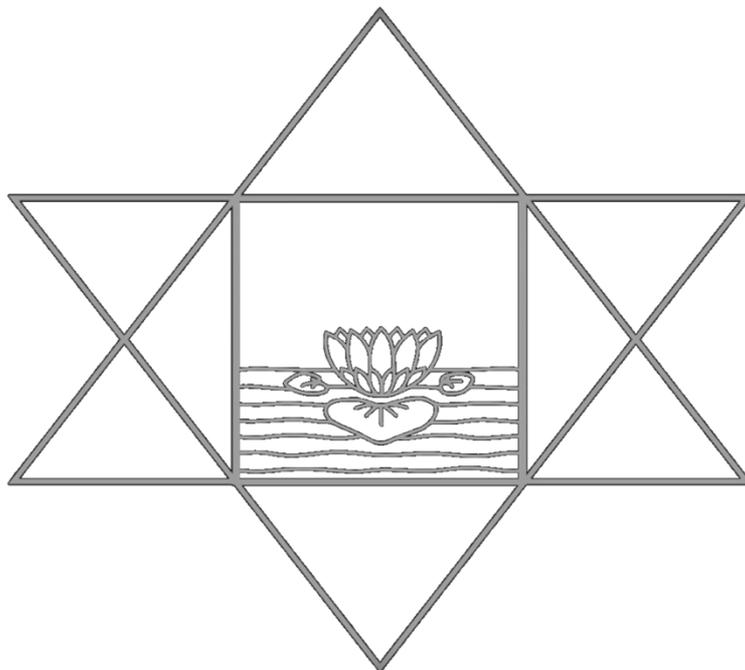
Há uma passagem na qual Vivekananda recomenda que você permaneça por detrás de seus pensamentos, deixe-os ocorrer em sua mente como eles quiserem e simplesmente os observe e veja o que eles são.

Isso pode ser chamado concentração em auto-observação.

36

Essa forma conduz a uma outra,  
o esvaziamento de todo pensamento da mente,  
de modo a deixa-la em uma espécie de vazio puro e vigilante,  
no qual o conhecimento divino pode vir e manifestar-se,  
não perturbado pelos  
pensamentos inferiores da mente humana ordinária  
e com a clareza de uma escrita com giz branco em um quadro negro.  
Você verá que a Gita fala dessa rejeição de todo pensamento mental  
como um dos métodos de yoga  
e mesmo o método que ela parece preferir.

37



38